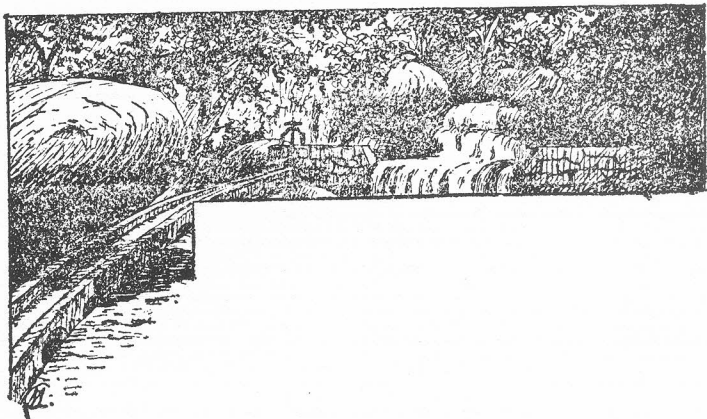


DO RIO GRANDE A CAMORIM

II



OS MANOBREIROS DAS RÉPRESAS

I

A rêde hydrographica das vertentes formadas pelos morros do Quilombo, Nogueira, Sta. Barbara, Pedra Branca e do Mello (Monte Alegre), denomina-se "*Pau da Fome*."

Alli estão as cabeceiras do *Rio Grande*, abaixo da Pedra Branca, ponto culminante do systema orographico carioca — 1.024 metros — e nasce o *Riacho Pedra Branca*, defrontando com o das *Aguas Frias*, no Morro do Meio, os quaes vão se encontrar em uma grotta, formada de blocos graniticos, onde passam sobre um monolitho, precipitando-se em lençol, á bacia natural chamada *Tanque das Pacas*; continuam o seu curso até á queda da confluencia do Rio da Barroca.

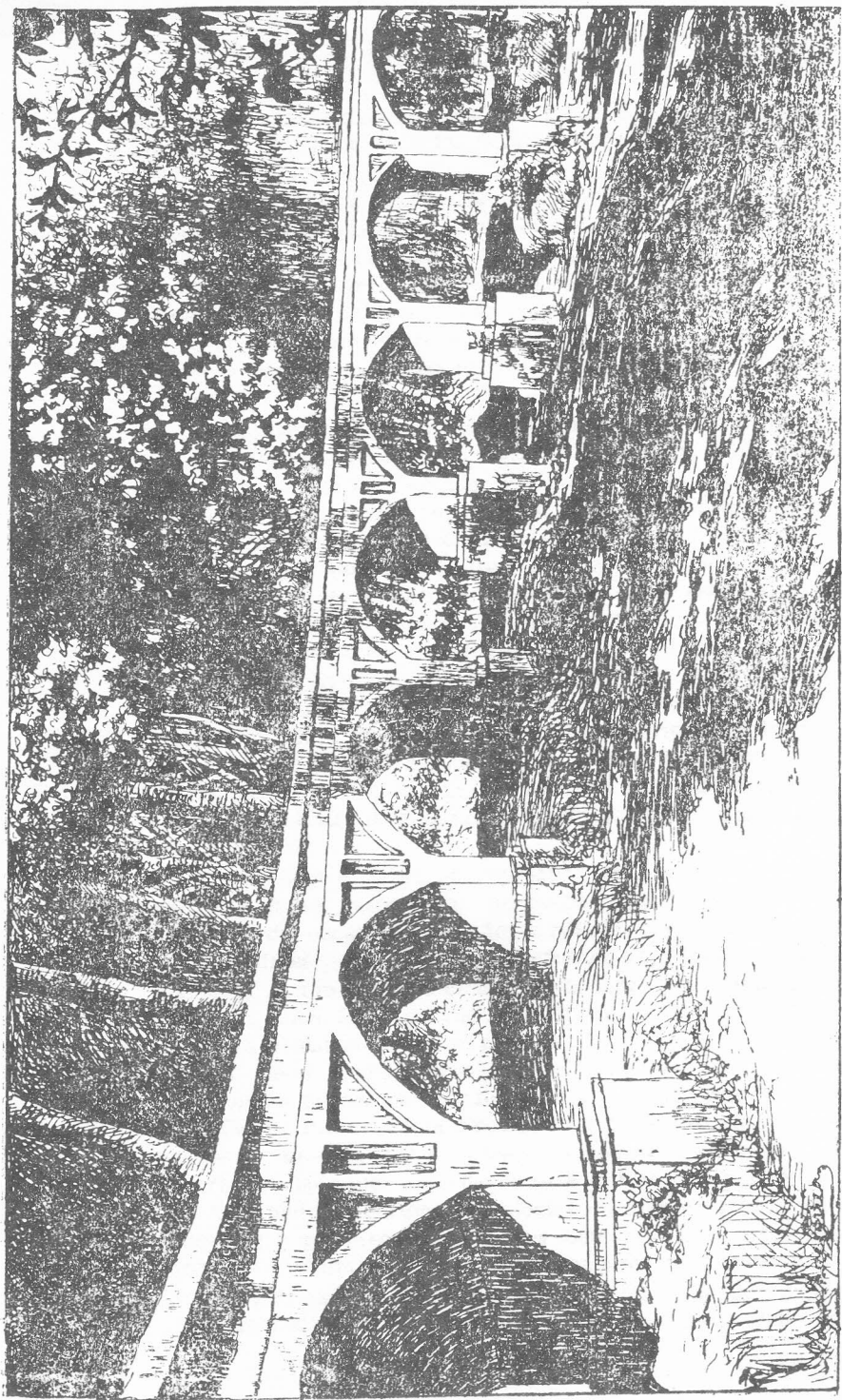
O *Rio da Barroca* nasce na serra de Sta. Barbara e recebe a contribuição das nascentes do *Pedra do Gomes e Virgilio*, vindas da serra do Nogueira. No Rio da Barroca — monolithos insulados e de aspecto irregular — formam as principaes furnas dessa região, razão pela qual tem o rio essa denominação.

Os rios da Pedra Branca, á esquerda, e o da Barroca, á direita, no ponto de convergencia das vertentes dessa serra, formam duas bellas quedas, separadas por um monolitho, que parece reger a orchestra sussurrante de suas aguas: a da Pedra Branca jorrada por uma garganta, formada de blocos petreos, á grande bacia commum as duas. A da Barroca, desdobra-se da altura de quatro metros num alvissimo lençol, de um só bloco granitico. Esse conjuncto feérico dá idéa de qualquer coisa mysteriosa, num ambiente bem selvagem: em plena matta,

formando uma grande bacia que transborda por dois lados em verdadeiras quedas, cujas aguas partem com a denominação de Rio Grande, serra abaixo, modelando enseadas e quedas até atravessar o Sítio Guardiano de Almeida, faixa de terra que vae do morro Grande á Serra do Nogueira, interceptando os mananciaes, verdadeira excrescencia encravada nas mattas federaes. Alli, num grande remanso crystalino, com varios seixos rolados, os moradores lavam roupa e tomam banho. Os proprietarios estão em questão com o governo. Proposta a compra das terras, ha vinte annos, até hoje não receberam os oitenta contos da avaliação e o advogado, pouco escrupuloso, aconselhou-os a fazer as serventias no manancial para assim resolverem a questão mais rapidamente.

Logo abaixo deste sítio, recebe o Rio Grande um riacho, que vem bifurcado com os nomes de Manoel Justino e d. Emilia, do Morro Grande e augmenta o manancial, até ser captado para a Caixa d'agua do Rio Grande, na *represa do Pau da Fome*. Nesse ponto, a 36 kilometros do centro da cidade, situada a 130 metros de altitude do nivel do mar, ha uma enorme garganta de formação gneissica cortada por um lençol diabasico (dike), e que serve de leito ás aguas, que se precipitam em um tanque, onde são represadas por uma barragem feita de pedra e cimento, cujo volume d'agua de abastecimento á caixa é de 8.610.000 metros cubicos, por vinte e quatro horas. A' esquerda, o registro da descarga e, á direita, o regulador, registro de onde sáe a agua, por uma comporta de ferro, communicando-se com a canaleta corredeira de cinco degráos, produzindo a queda brusca do liquido, que finalmente percorre a canaleta de um metro de largo, por trinta centimetros de fundo, por entre arvores do bosque, e enormes blocos petreos insulados, como se fossem collocados por gigantes, descrevendo uma pronunciada curva, depois de um percurso de 130 metros até a caixa d'agua. Esta, situada a 128 metros de fundo e 129 metros e oitocentos de altitude, maximo do nivel livre, fornece 8.640.000 metros cubicos, em 24 horas, é composta de dois compartimentos centraes e quatro lateraes, um de cada lado, de onde, canalizadas, as aguas vão em adductores de trinta centimetros de diametro para o abastecimento da caixa da Reunião, no Tanque.

No terreiro, situado na parte anterior da caixa, está localizada uma *ventosa*, por onde jorra o liquido dando aviso em caso de desarranjo, por meio de apitos. A direita, recebe a caixa as contribuições das pequenas represas da *Figueira*



Aqueducto da Figueira e Padaria — Pau da Fome

e da *Padaria*, ambas resultantes da captação de riachos que vêm da Serra do Nogueira. A da Figueira tem uma linda queda encachoeirada; localizada a uns quinhentos metros, deve sua denominação a uma grande figueira que alli existe; tem um metro e trinta e quatro centímetros de profundidade, com a capacidade de 18.400 metros cubicos, em vinte e quatro horas; depois de uns cem metros de percurso, encontra-se a outra, cujo nome se deve a uma padaria, que outr'ora existiu no local, tendo um metro e trinta e sete de profundidade, com a capacidade de 11.085 metros cubicos, em vinte e quatro horas.

Estes mananciaes captados vão por meio de adductores á caixa circular de areia de um metro e trinta de profundidade, situada no caminho, de onde partem as aguas canalizadas, beirando a encosta da vertente da serra do Nogueira, até serem recebidas pelo aqueducto, construido em fôrma semi-circular, cujas linhas architectonicas são de bello effeito sobre o fundo verde escuro da nossa natureza serrana.

O aqueducto, de cimento, tijolo e pedra, tem o seguinte traçado: mantem a canaleta das aguas sobre pilares com base em fôrma de dado, ligados entre si, na parte superior, por arcos de berço, de uma elegancia severa. A canaleta, pilares e arcos emmoldurados, por frisos de dez centímetros de largura, dão um balanço agradável a esse aqueducto, pela projecção da luz e sombra que desenha em seu conjunto, indo terminar na Caixa d'agua, em meio de um bem tratado jardim.

O *Rio Grande*, apesar de reprezado, continúa com as suas sobras, o curso, entre blocos de rochas graniticas pelo lado esquerdo da encosta, passando perto da represa por dois canaes (dikes) verdadeiras corredeiras, cujo leito de rocha diabasica de um metro e cincoenta de largo, cada um, separados por uma faixa de rocha de granulito ferruginoso, de cincoenta centímetros de largura e uns vinte de altura do leito do canal, numa extensão de oito metros, até precipitar-se numa queda, em degrãos naturaes, de cinco metros de elevação, no *Poço da Mãe d'agua*, formado de paredes talhadas perpendicularmente de gneiss e granulito, de sete metros de profundidade, por sete de largo e quinze de extensão.

A respeito da formação geologica do dike ou lençol eruptivo, diz o professor A. B. Paes Leme: — "Os dikes são formados por uma rocha chamada diabase; em alguns pontos esses dikes acham-se bem descobertos, cortando as paredes gneissicas. Um dike ou lençol eruptivo no valle de

um rio, resistindo mais á usura e á erosão das aguas do que os outros terrenos visinhos, fórma um degráo, especie de represa, no leito do rio, do qual resulta uma queda d'agua ou uma cascata".

Continuando o rio o seu curso, fórma, a uns trezentos metros abaixo, um poço, denominado de Gameleira, de oito metros por doze de extensão, e, a uns seiscentos metros, recebe, á direita, o affluente denominado *Rio Calhariz* (casta de uva), cuja nascente se acha na serra do Nogueira — Pedra do Quilombo, vindo formar em sua passagem a queda do *Manoel Bonitinho*; recebe, logo abaixo, as sobras das represas da Figueira e Padaria e atravessa a estrada do Pão da Fome, sob uma ponte de alvenaria, indo desaguar na sua confluencia.

O Rio Grande recebe, nas terras da Fazenda do Rio Grande, que ainda hoje existe, pouco abaixo do Campo da Capella, o *Rio Pequeno*, que vem da vertente da Serra do Barata com o Morro Grande.

Campo da Capella é a denominação de um povoado ali existente, tendo uma grande praça, em cujo centro um chariz de ferro ornamenta á mesma, representando uma nympha com uma amphora a distribuir o liquido precioso, sobre um pedestal com quatro pequenas bacias e respectivas bicas; lateralmente, encontram-se a escola publica, venda, habitações rusticas e, numa elevação, tendo por fundo a matta, a igreja de N. S. da Conceição e S. Boaventura, fundada por Antonio de S. Paio, proprietario da Fazenda do Rio Grande, em annos anteriores a 1737. Essa igreja, feita de pedra e cal, tem um aspecto todo differente das nossas, pois a physionomia de sua fachada é de uma ogiva equilateral. Está assente sobre uma terraço cercado por um parapeito de pedra, tendo um patamar central, de onde a escadaria de um só lance dá accesso ao templo; esse conjunto tem qualquer coisa de uma villa européa.

O Rio Grande perde o nome ao atravessar as terras da Fazenda da Taquara, tomando este nome. Esta fazenda foi, em tempos coloniaes, comprada a Corrêa de Sá e Benevides pelo commendador Pinto da Fonseca, por trinta e seis contos, dando dezoito, á vista e o resto, a prazo, mas aconteceu morrer Benevides e o negocio ficou de pé até hoje. Junto á casa da Fazenda, existe a igreja de Santa Cruz, construida pelo Juiz dos Orphãos Antonio Telles de Menezes, no anno de 1738, quando seu proprietario.



Corredeiras da Mãe d'agua — Dikes (vulcão fossil) Rio Grande

O Rio Taquara corta, em seu trajecto, a estrada do seu nome, sob a ponte em pleno cintro, feita de pedra e cal, que ali existe, passando junto á velha estrada da Tendiiba (arvore que baba) vae até receber o seu affluente da margem esquerda, o Covanca, com o mesmo nome.

O *Covanca* é um affluente, que vem da Serra do Ignacio Dias, na Covanca — (valle com entrada natural de um só lado) — atravessa as estradas da Freguezia e da Taquara, na altura do Tanque, recebe ahi um riacho, que vem da villá Albano, indo novamente atravessar a Estrada da Taquara, para, mais abaixo, juntar-se ao rio Taquara.

Na confluencia do Covanca com o Taquara, este passa a denominar-se da *Estiva*, em virtude de uma estrada desse nome, que a corta e que liga a Pavuna (estancia preta) á Banca Velha. Assim vae o Rio até bifurcar-se em dois braços: o da direita toma o nome de *Caieira*, em virtude das caieiras ali existentes dos sambaquis; passa pelo caminho do mesmo nome, sob uma velha ponte em ruinas, indo depois perder-se nos alagados (mattas *Tropophilas*) e o da esquerda denomina-se *Rio do Porto*, que, ao atravessar o caminho da Caieira, sob uma ponte (hoje em dia só existem duas toras) recebe um riacho com o nome de Arroio Fundo — denominação que vem de Valle Fundo, como era conhecida antigamente a Pavuna; desagua na lagôa Camorim, depois de um percurso de 18 kilometros, numa foz de vinte metros.

A localidade onde estão as represas é conhecida pelo nome de *Páo da Fome*. Dizem os moradores desse recanto encantador que os antigos frequentadores das mattas, como caçadores que eram e mesmo tropeiros, reuniam-se debaixo de uma grande figueira, onde, á sua sombra, arranchavam, não só para descanso, como preparavam ali as suas refeições e, por isso, ao chegarem, diziam: "estamos no Páo da Fome". E até aos nossos dias, essa denominação é dada ás mattas dos mananciaes.

Felizmente, hoje, essa área de 176 alqueires de terra pertence ao governo federal, sob a guarda da Inspectoria de Aguas e Esgotos, mas pretende o governo transferil-a para o Ministerio da Agricultura, sob a guarda do Serviço Florestal. Até o presente momento tem um administrador, um guarda de mattas e um de represa, os quaes, com o auxilio de dois trabalhadores, fiscalizam as mattas e mananciaes.

Nessas vertentes existem innumeradas furnas naturaes, formadas de pedras insuladas e grotas, sendo as principaes, a tres kilometros da represa, a do Rio da Barroca, e, do lado

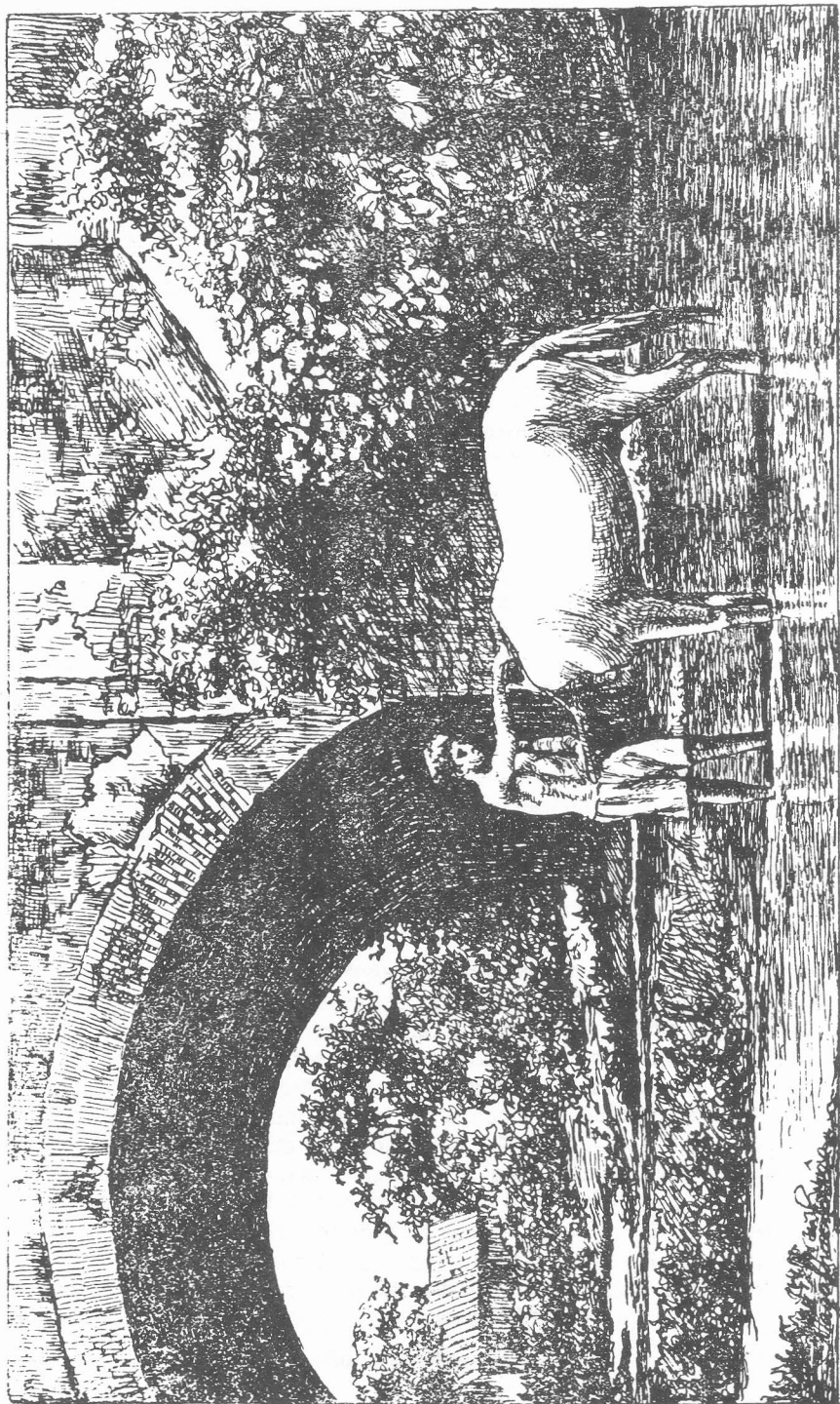
da Pedra Branca, as do Ubá, Campos, João Rodrigues, Monjolo, Cedro, Tanque, Rancho Velho e Laurindo, e do lado da Serra de Santa Barbara e Nogueira, as Caieiras, Virgílio, Lama, Cascata, João Rocha, Taquarinha e toca do Quilombo; nessas furnas, outr'ora, os caçadores e matteiros pousavam, abrigados do tempo; mas ainda hoje se encontram fogueiras extintas de dois a tres dias. Servem tambem essas furnas e grotas de refugio ás pacas. Ali a fauna é abundante em caça. *Jacús* (Penelope) — do tupi — desconfiado, — Inhambú, — que levanta a prumo (*Crypturus*), Pombas, Juritys — o collo branco (*Peristera frontalis*), Mico (*Cebus fatuellus*), Ouriço (*Cerco labis villosus*), a Sussuarana (*Feliz concolor*, do tupi côa-açu-arana, o que se assemelha ao veado, conhecida por papa-veado, e o Tatú-gallinha (*Dasyus Novecinctus*).

Foi ali encontrado por mim o lagarto, denominado na região por *Tarantantam* — (do tupi — forte-furtacôr) e que o guarda da represa diz ser o terceiro, depois de cinco annos, que ali viu; scientificamente é o *Diploglossus fasciatus* Wied; nas bacias e poços dos manaciaes encontram-se lagostas (*Palaeomon jamaicensis* Herbt).

As arvores da matta são de madeira de lei; junto dos blocos petreos insulados, soqueiras de bambús e milhares de pés de xuxús nativos, espalhados por todos os recantos, muito procurados por matteiros furtivos.

Mas a caça, a pesca, a lenha, as madeiras e as frutas são de propriedade da União, sendo prohibido colhel-as por pessoas estranhas á administração e, por isso, ha fiscalização dos guardas da matta, obrigados a percorrer os seus limites diariamente, pelas Serras da Pedra Branca, Barata, Santa Barbara, Nogueira e Quilombo.

Os guardas da represa e seus auxiliares, os verdadeiros carioqueiros de nossos dias, trabalham na conservação, reparo, limpeza, assim como nas manobras da gradação, da distribuição e da descarga. São elles que correm as nascentes, açudes, barragens, represas, caixas de areia e caixas d'agua, retirando as impurezas encontradas, fiscalizando o seu bom funcionamento, no tempo normal; nas estiadas, pela pericia da distribuição e, no tempo máo, isto é, nas grandes chuvas, temporaes, enxurradas, manobrando e regulando a medição de entrada para a caixa d'agua. Fechando as comportas nas enxurradas, deixam passar as aguas por cima da represa e da caixa de registro regulador da descarga e da comporta do distribuidor, pois vão cair na canaleta que as conduz á caixa, mantendo a capacidade desejada; passada a



Ponte colonial sobre o Rio Taquara

enxurrada, novamente é regulada a entrada para a caixa, mantendo sempre a reserva necessaria para o consumo diario.

A lavagem da represa é feita pelo registro da descarga, por meio de um cano de cincoenta e cinco centimetros de diametro e, nas caixas, pelas comportas de descarga.

Essas manobras, quer de dia, quer de noite, são necessarias para evitar rupturas e desastres maiores, pois nas grandes torrentes tudo é arrastado e esses heroes, no meio das mattas, affrontam todos os perigos para conservar os mananciaes em perfeito estado e manter a distribuição do precioso liquido, normalmente.

São uns benemeritos da cidade, pois ainda fiscalizam as mattas, a caça e a pesca, do patrimonio nacional e ganham duzentos e setenta mil réis por mez, com direito a um dia de folga, por todo esse serviço !

O temporal na floresta ou, como chamamos, matta, é a coisa a que mais respeito têm os seus frequentadores. Assim que começa a ventar, ouvem-se silvos prolongados, estalidos das arvores, baques de troncos, roncões do trovão, misturados com os uivos dos animaes; é o prologo da tempestade. Nesse momento é um "salve-se quem puder"; da matta saem a correr os caçadores com os cães, o lenhador, o tropeiro que, surpreendido, passa pela estrada com sua tropa a toda a pressa; só ficam nos seus postos os guardas da represa !

— Por que tanto medo ? — perguntei ao guarda da represa, Felisberto Felipe de Carvalho, na presença do naturalista José Vidal, quando fomos surpreendidos na matta por um temporal.

Respondeu-me:

— O senhor ainda não viu, nem queira ver, tombar um jequitibá, quebrarem-se grossos troncos, que, quando caem, levam tudo na sua queda; é um perigo enorme estar-se na matta, pois nem pôde imaginar a quantidade de páos que voam; só ha um recurso: as furnas, as grotas, mas estas também offerecem perigo, visto como os animaes, nessas occasiões, também as procuram. Não ha muito tempo, um caçador metteu-se numa gruta para deixar passar o perigo, quando avistou uma sussuarana. a caminhar para a gruta e só teve tempo de saltar para o lado, sem que ella o visse, correndo quasi uma legua para chegar á casa do guarda, onde, em estado lastimavel de cansaço, pediu agua e sentou-se, contando esse episodio. O guarda observou-o:

— Porque não a matou?

— Porque só tinha chumbo para passarinhar e não para onças, respondeu o fugitivo.

Continuou o guarda:

— Outra vez, uma tromba dagua, agitada por turbilhões de vento, passou pelo cume e encosta da Serra do Nogueira; deixando até hoje uma estrada feita pela sua passagem, carregando o que encontrou e indo, a dois kilometros, depositar tudo em terras fóra das do governo. O sitiante teve a sorte de fazer um conto e seiscentos mil réis de lenha...

Assim, quando o tempo muda, a primeira preocupação dos que têm os seus nas mattas é chamal-os, pois se apodera dessa gente um terror peor que pelo "Caraimbé" do Amazonas.

Essas vertentes dos mananciaes, com a respectiva matta, foram compradas pelo ministro Lauro Müller, em 1908, no governo do presidente Rodrigues Alves, sendo director da Repartição Geral de Aguas o Sr. Sampaio Corrêa, pela quantia de 450:000\$000, ao Barão da Taquara — por intermedio do Dr. Catramby.





O manobreiro da represa